



Comunicação
de Pesquisa

Estrabão
Vol. (7): 1 - 9
©Autores
DOI: 10.53455/re.v7i.281



Recebido em: 14/12/2025
Publicado em: 01/01/2026

Agenda pautada por Hollywood: A representação do autismo em Rain Man e o viés cinematográfico da revista Veja

Agenda driven by Hollywood: The representation of autism in Rain Man and the cinematic bias of Veja magazine

João Paulo dos Passos Santos ^{1A}, Gabrielle Camargo da Cruz

Resumo:

Contexto: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é tema de amplas discussões no Brasil e no mundo. Este estudo analisa a primeira menção ao autismo na revista Veja, de 22 de março de 1989. **Metodologia:** Baseada nas teorias de Roger Chartier sobre representações, a pesquisa destaca o papel da mídia na construção de percepções sociais sobre o autismo. A matéria “Olhares Perdidos”, de David Ansen, foca na análise do filme Rain Man (1988), enfatizando a relação entre os irmãos e a atuação de Tom Cruise, relegando o autismo a segundo plano. **Resultados:** A reportagem reforça estereótipos ao enfatizar dificuldades do personagem autista, sem explorar sua subjetividade. A Veja abordou o tema superficialmente, com viés comercial impulsionado pelo sucesso do filme. Ainda assim, a publicação marcou a visibilidade inicial do transtorno na mídia brasileira. **Conclusão:** Embora restrita e estereotipada, a abordagem contribuiu para inserir o autismo no debate público nacional.

Palavras-Chave: Representações; Mídia; Debate público; Neurodiversidade

Abstract:

Context: Autism Spectrum Disorder (ASD) is the subject of extensive discussions in Brazil and worldwide. This study analyzes the first mention of autism in Veja magazine, dated March 22, 1989. **Methodology:** Based on Roger Chartier's theories on representations, the research highlights the role of media in constructing social perceptions about autism. The article “Olhares Perdidos” (Lost Gazes), by David Ansen, focuses on analyzing the film Rain Man (1988), emphasizing the relationship between the brothers and Tom Cruise's performance, relegating autism to the background. **Results:** The report reinforces stereotypes by emphasizing the autistic character's difficulties without exploring his subjectivity. Veja addressed the topic superficially, with a commercial bias driven by the film's success. Nevertheless, the publication marked the initial visibility of the disorder in Brazilian media. **Conclusion:** Although limited and stereotyped, the approach contributed to introducing autism into the national public debate.

Keywords: Representations; Media; Public debate; Neurodiversity.

1 - Professor e Pesquisador do Instituto Federal do Paraná (IFPR).

A - Contato principal: joao.santos@ifpr.edu.br

Introdução

Atualmente o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um tema central de discussões no Brasil e no mundo. Sua primeira descrição formal mais conhecida remonta a 1943, quando o psiquiatra austríaco Leo Kanner publicou seu artigo seminal “Autistic disturbances of affective contact”. Neste estudo, Kanner definiu o autismo a partir das características observadas em um grupo de 11 crianças que estudou, estabelecendo as bases para o entendimento do transtorno (Kanner, 1943).

A partir da contribuição de Kanner, iniciou-se no cenário mundial ocidental uma ampla discussão sobre o autismo, abrangendo a princípio a dimensão médica, mas as esferas sociais, políticas e pessoais também foram afetadas. Em decorrência do avanço das pesquisas e estudos relacionados ao tema, o progresso alcançado é evidente em relação às descrições iniciais. Inclusive, hoje, para Passos-Santos e Amaral (2025) há indícios de que a primeira descrição científica e detalhada do autismo foi realizada em 1925 pela psiquiatra infantil soviética Grunya Sukhareva, quase duas décadas antes da publicação de Kanner, o que vem reescrevendo a cronologia histórica do transtorno.

Atualmente, conforme a Associação Americana de Psiquiatria (APA), o TEA é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento de natureza neurobiológica, que se caracteriza por afetar áreas essenciais como a comunicação, a interação social, a imaginação e o comportamento. Manifesta-se de maneira variada e complexa, incluindo dificuldades nas interações sociais e na comunicação, bem como a presença de padrões repetitivos de comportamento (APA, 2023). Dada a sua heterogeneidade, os processos terapêuticos são necessariamente individualizados e buscam oferecer um suporte ao desenvolvimento pleno da pessoa.

No contexto brasileiro, a visibilidade da pauta do autismo demorou a se consolidar no debate público. O tema ganhou atenção significativa apenas a partir da década de 1980, um período historicamente marcado pela redemocratização do país e por uma maior sensibilidade da sociedade em relação às questões sociais e aos direitos humanos. Foi um período de intensa mobilização, que culminou na Constituição Federal de 1988, onde as questões relativas à dignidade humana e à inclusão social passaram a ter maior ressonância. Neste ambiente propício à eclosão de movimentos sociais, a causa da deficiência, antes confinada ao âmbito privado das famílias e de instituições de caridade, começou a ganhar as ruas e a exigir políticas públicas efetivas. Um marco institucional fundamental desse período foi a fundação, em 1983, da AMA (Associação de Amigos do Autista), que se estabeleceu como a primeira instituição dedicada ao atendimento de pessoas autistas no Brasil e se tornou uma referência no tema (Castanha, 2016; Lopes, 2024).

Todavia, é notável que, apesar desses avanços internos, os países da América Latina, incluindo o Brasil, apresentavam um atraso de aproximadamente 30 anos em relação às discussões e aos serviços relacionados ao autismo quando comparados aos países do Ocidente (Feinstein, 2010), onde o movimento de pais estava se consolidado e as abordagens comportamentais começavam a substituir o viés psicogênico.

Diante desse descompasso histórico, torna-se pertinente investigar o papel da imprensa periódica na influência do debate sobre o autismo e de que forma essa influência se materializou. A mídia de massa, nesse cenário, não atua como mero transmissor, mas como um poderoso agente de enquadramento da realidade, definindo como o público deve interpretar um tema novo ou complexo.

Neste sentido, a presente pesquisa adota como arcabouço teórico as ideias do historiador francês Roger Chartier, que permite entender o impresso para além da mera divulgação de informações. Sob essa perspectiva, a mídia é um espaço de produção e circulação de discursos que não apenas reflete, mas também constrói e influenciaativamente as percepções da realidade. Para Chartier, a materialidade dos impressos, os modos de leitura e a forma como os textos são apropriados pelos leitores são fatores cruciais para compreender o papel dos autores na formação da opinião e na construção da esfera pública ao longo do tempo.

Portanto, as representações são entendidas como ferramentas conceituais essenciais para a compreensão da sociedade, pois são elas que moldam a maneira como o público interpreta e interage com determinado assunto (Chartier, 1990). O estudo das representações é vital, pois algumas estruturas conceituais tendem a ser mais persistentes, especialmente as primeiras, dado o conhecimento inicial forjado e a forma como são dadas a ler.

A partir desta lente teórica, torna-se fundamental compreender como o autismo foi construído e representado na realidade brasileira. Para traçar a trajetória histórica do transtorno no país, é de extrema

relevância analisar suas representações veiculadas em periódicos de grande circulação. As obras de Chartier (1990, 1991, 2002, 2011) convergem na interpretação de fontes históricas, sustentando que as produções impressas não são apenas objetos materiais; elas carregam inscrições subjetivas que são fruto das relações e disputas de poder dos indivíduos que as criaram e representaram. Nesse sentido, considerando que a revista *Veja*, lançada em 1968 pela Editora Abril, consolidou-se historicamente como uma das publicações mais influentes do Brasil no final do século XX e início do XXI (Corrêa, 2008; Cohen, 2008), e exerceu um papel fundante no estabelecimento da agenda pública, sua contribuição para a formação da opinião no país é inegável, particularmente nas décadas anteriores ao advento e à expansão dos meios digitais, quando os periódicos impressos constituíam um dos principais veículos de informação.

Diante do exposto, esta pesquisa objetiva analisar a primeira menção ao autismo na revista *Veja*, publicada em 22 de março de 1989. O estudo propõe analisar como o periódico abordou o tema no contexto da repercussão do filme *Rain Man* (1988), investigando as representações iniciais e o viés discursivo adotado pela grande mídia brasileira no momento em que o autismo foi publicamente “dado a ler” (Chartier, 1990, 1991, 2002, 2011). A análise buscará determinar se o enquadramento inicial foi predominantemente orientado pela lógica do entretenimento e do modelo médico-patológico ou por um enfoque social e informativo.

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, exploratória e descritiva. Seu principal propósito metodológico é analisar um documento histórico-midiático específico, a fim de identificar e interpretar as representações sobre o autismo veiculadas pela grande imprensa brasileira em um momento inaugural, estabelecendo as categorias conceituais que orientaram a percepção pública do transtorno.

O documento pesquisado é composto integralmente pela matéria “Olhares Perdidos” e seu texto complementar, “O drama na vida real” (Ansen, 1989, p. 109), publicados na revista *Veja*, edição nº 1072, de 22 de março de 1989. A seleção desta matéria específica baseia-se no critério de ser a primeira menção explícita que tematiza o autismo identificada em um periódico semanal de alcance nacional e circulação massiva. Isso o configura como um marco para a visibilidade midiática do tema no território brasileiro e, consequentemente, contribui para a formação da primeira representação do TEA em um contexto macro social.

A análise adota o referencial teórico da Nova História Cultural de Roger Chartier, que provê as ferramentas conceituais para analisar as representações como construtos culturais (Chartier, 1990, 1991, 2002, 2011). A análise concentra-se, assim, na materialidade do texto (títulos, subtítulos, posicionamento na revista e autoria), na circulação do discurso e na apropriação dos modelos de compreensão.

A análise documental seguiu as seguintes etapas

Contextualização histórica e midiática: Inserção da matéria no contexto sócio-histórico brasileiro de 1989, com ênfase no atraso do debate sobre o autismo e na ascendência da militância de pais. Análise do contexto cinematográfico do filme *Rain Man* como um sucesso comercial e crítico de grande magnitude internacional.

Análise da autoria e posicionamento: Investigação detalhada da especialidade do autor, David Ansen (crítico de cinema), para inferir o foco primário da reportagem (entretenimento versus social/saúde) e o posicionamento da matéria dentro da revista (seção Cinema, e não Saúde ou Geral).

Análise do viés e longo alcance: Síntese das categorias para determinar a tendência geral da reportagem (comercial/cinematográfico versus informativo/social) na cultura brasileira.

Análise de conteúdo e identificação de categorias: Realizou-se uma categorização dos elementos discursivos presentes no texto e que serão discutidas neste estudo a seguir (Terminologia e enquadramento; Foco narrativo e centralidade do personagem; Estereótipos e excepcionalidade; Visibilidade da sociedade civil).

Resultados e Discussão

O primeiro texto da revista *Veja* que abordou o autismo, intitulado “Olhares Perdidos”, de 1989, é de autoria do crítico de cinema americano David Ansen. O artigo centrava-se na análise do filme *Rain Man*,

lançado em 1988 e dirigido por Barry Levinson, que estava em alta naquele período por ser um forte concorrente ao prêmio Oscar. O drama cinematográfico narra a história dos irmãos Charlie e Raymond Babbitt. Raymond, o personagem autista, foi interpretado por Dustin Hoffman, enquanto Charlie foi vivido por Tom Cruise.

Ao colocar em cena o autismo, descrito pela matéria como “[...] uma das mais enigmáticas doenças mentais [...]” (Ansen, 1989, p. 108), a produção de Levinson foi considerada “[...] um filme delicado que se tornou um estrondoso campeão de bilheteria nos Estados Unidos, arrecadando mais de 100 milhões de dólares em apenas dois meses [...]” (Ansen, 1989, p. 108). Essa descrição como “doença enigmática” reflete de maneira clara o desconhecimento que permeava tanto o público quanto o meio especializado no Brasil durante os anos 1980. Segundo Donvan e Zucker (2017), o filme Rain Man destacou-se por ser o primeiro grande sucesso de mídia a trazer atenção para o autismo, fazendo avançar consideravelmente o conhecimento popular norte americano sobre a temática.

O uso da terminologia “doença mental” evidencia a prevalência do modelo médico-patológico da época (Canguilhem, 2009). Em 1989, embora a terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III) (APA, 1980) já estivesse em circulação e classificado o “autismo infantil” como um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, o termo popular e o estigma associado à “doença mental” ainda eram dominantes, refletindo uma visão nosológica (de classificação de doenças) ultrapassada pelos critérios atuais do DSM-5-TR (APA, 2023), que o define como um Transtorno do Neurodesenvolvimento.

Nota. Extrato da matéria de capa “Olhares Perdidos” da revista Veja (Ansen, 1989, p. 108). O texto discute a representação do autismo no filme Rain Man e o viés da imprensa.

A ênfase no caráter “enigmático” também sugere a persistência de visões que, por décadas, tiveram forte influência psicanalítica (Feinstein, 2010), atribuindo o autismo a questões afetivas e a falhas parentais - a chamada “mãe geladeira” (Lopes, 2024), mesmo que Kanner, posteriormente às explicações iniciais, já o tivesse descrito como uma condição inata. A reportagem, ao focar na natureza “estática” de Raymond e sua incapacidade de “contatos emocionais”, alinha-se perfeitamente com a descrição original (Kanner, 1943), “Autistic disturbances of affective contact”, demonstrando que a percepção pública do autismo no Brasil e no mundo de 1989 ainda estava ligada a conceitos de décadas anteriores.

Contudo, a análise da publicação da Veja revela que o enfoque narrativo central do filme não estava em Raymond, o personagem autista. A matéria de Ansen (1989, p. 108) afirma categoricamente: “Mas Rain Man não é exatamente um filme sobre Raymond, que, devido ao autismo, é um personagem, por natureza, estático”. A narrativa central do filme recai, essencialmente, sobre Charlie, o irmão ambicioso e negociante de carros de Los Angeles. Após a morte do pai, Charlie, desconhecedor da existência de Raymond, viaja para a leitura do testamento esperando reverter uma crise financeira. Porém, descobre que herdou bens de valor simbólico (um carro e roseiras), enquanto toda a fortuna de US\$ 3 milhões foi legada a um fundo em nome de Raymond (Ansen, 1989).

Desse modo, a narrativa concentra-se na relação e no impacto que as pessoas ao redor experimentam com o transtorno, e não nas vivências ou na subjetividade da pessoa autista, o que atualmente é possível perceber na visão capacitista (Marco, 2020). Este padrão, onde a pessoa com TEA é relegada a um plano secundário e a atenção se volta para os dilemas dos coadjuvantes, é recorrente em muitas produções midiáticas que tratam do assunto (Filgueira et al., 2023). A descrição de Raymond como um personagem, por natureza, “estático” devido ao autismo, revela uma visão limitada e centrada em déficits, o que demonstra uma falta de profundidade na interpretação do personagem, relacionada ao desconhecimento público sobre pessoas com necessidades específicas na época. Para Leandro e Lopes (2018), essa visão ignora as experiências e habilidades de pessoas autistas.

Nesse ínterim, a matéria inicia a caracterização de Raymond Babbitt, enfatizando o viés médico-patológico ao enquadrá-lo como uma doença mental. As características detalhadas incluem a incapacidade de contatos emocionais, o isolamento em um “[...] mundo de rituais mecânicos e súbitas compulsões” (Ansen, 1989, p. 108). As reações a mudanças ambientais “[...] como móveis trocados de lugar [...]” são descritas como resultando em gritos e movimentações (Ansen, 1989, p. 108). No entanto, a descrição é imediatamente seguida pela introdução de sua característica mais espetacular: a habilidade de calcular instantaneamente. A matéria destaca: “Mas ele tem um dom: é só lhe pedir para que multiplique 312 por 183 e ele instantaneamente dá o resultado” (Ansen, 1989, p. 108). Raymond Babbitt é um exemplo de autista com a Síndrome de Savant (ou Habilidade de Savant), que segundo (Maluf, 2023), é uma característica rara em que indivíduos com

transtornos de desenvolvimento, como o TEA, exibem habilidades extraordinárias em áreas específicas, como cálculo, memória ou música.

A escolha de representar o autismo através do prisma do Savant, embora seja um aspecto fascinante, é representativa de uma minoria estatisticamente ínfima de pessoas autistas, sendo que Posar e Visconti (2022) asseveram que a minoria dos indivíduos no espectro manifestam habilidades de savant. Essa escolha, entretanto, possui uma inegável conveniência narrativa, pois torna o personagem “exótico” mais palatável, menos assustador para o público e, crucialmente, fornece um elemento de enredo que impulsiona a história e o drama comercial. Essa narrativa que associa o autismo a uma genialidade inerente gerou um fenômeno cultural conhecido como “Efeito Rain Man” (Silberman, 2017). Por um lado, o filme foi um marco de reconhecimento, quebrando um tabu sobre o tema e levando o autismo para o centro das atenções. Maluf (2023) indica que, no Brasil, a obra de entretenimento assumiu, inadvertidamente, uma função social e educativa inicial, com muitos pais buscando o diagnóstico após assistirem ao filme, ao identificarem traços de isolamento e comportamento repetitivo em seus filhos.

Por outro lado, o “Efeito Rain Man” teve a consequência de gerar e perpetuar o estereótipo de que todo autista possui uma genialidade latente ou uma habilidade extraordinária, ofuscando a vasta diversidade do espectro, especialmente as pessoas que necessitam de alto grau de suporte e que são não-verbais (Silberman, 2017). Objetivar a genialidade desvia a atenção das reais necessidades de suporte. Para Freire e Nogueira (2023), há urgência nas políticas públicas impostas pelo TEA com maior nível de suporte.

O estereótipo do Savant serviu para higienizar o transtorno, transformando um quadro complexo e muitas vezes desafiador em uma curiosidade cinematográfica e comercialmente rentável (Soares, 1997). A matéria da Veja contribui para a formação e consequentemente propagação desse estereótipo ao dedicar atenção especial ao “[...] dom [...]” (Ansen, 1989, p. 108) de Raymond, uma característica que o torna mais palatável e comercialmente atrativo, mas menos representativo da realidade do TEA. As representações são profundamente marcadas pelo momento histórico em que são produzidas, e essa visão, embora criticável hoje sob a luz do paradigma da neurodiversidade, é um produto de seu tempo, conforme sugerido por Chartier (1990; 2011). A crítica, ao destacar a “estaticidade” de Raymond, revela uma incapacidade ou desinteresse em ir além do aspecto performático e extraordinário do Savant, falhando em explorar a complexa subjetividade da pessoa autista.

Fica evidente que o autismo não era o interesse principal da revista, sendo abordado de forma superficial e em segundo plano. A atenção primária da matéria estava voltada para a repercussão do filme, a qualidade das interpretações dos atores e as indicações ao Oscar. A escolha de publicar sobre Rain Man não se alinhava primariamente ao desejo de informar e conscientizar a população sobre o autismo, mas sim aos interesses comerciais da Veja de aumentar suas vendas, aproveitando a grande repercussão e o sucesso de bilheteria internacional do filme. A Veja, em 1989, era o principal veículo de grande circulação do Brasil, atuando como um poderoso formador de opinião e vetor da cultura de massa. A decisão de utilizar o texto de David Ansen, um crítico de cinema americano, reforça a natureza do artigo como uma cobertura do fenômeno de Hollywood – o filme, o ator e a corrida pelo Oscar – em detrimento de uma reportagem de fundo sobre a realidade brasileira do autismo. O contexto local foi relegado a um apêndice. Tal fato sublinha a lógica de mercado que orientou a publicação.

O fato de a Veja não ter abordado o autismo de forma significativa antes de 1989, e só o ter feito em resposta direta ao sucesso cinematográfico de Rain Man, é altamente sintomático. Isto indica que a pauta do autismo, apesar dos esforços incipientes de associações de pais como a AMA (Associação de Amigos do Autista) de São Paulo, ainda não havia conseguido se estabelecer na agenda midiática brasileira - isto é, como uma questão de direito social. A inclusão do tema na Veja ocorreu via transferência de proeminência de um evento cultural externo, e não como resultado de uma investigação jornalística ou da pressão da sociedade civil local. O autismo foi, nesse momento, um item de agenda secundário, dependente do item primário. O meio de massa, portanto, funcionou como um espelho amplificador de um interesse externo, e não como um motor autônomo de conscientização social.

Imagen que ilustra a matéria “Olhares Perdidos”, abordando o viés cinematográfico do autismo em Rain Man e o trabalho dos atores Dustin Hoffman e Tom Cruise. Da mesma forma, o texto complementar (anexo) “O drama na vida real”, que apresenta brevemente o contexto do autismo no Brasil e a atuação de associações como a AMA de São Paulo-SP em 1989 (Ansen, 1989, p. 109).

Essa dependência da agenda externa tem implicações relevantes, pois significa que a primeira representação ampla do autismo que o público brasileiro consumiu foi inevitavelmente distorcida pela lógica do entretenimento e do drama hollywoodiano. Segundo fundamentos de Chartier (2011), a natureza persuasiva das representações faz o público crer que o que é dito sobre o mundo é a própria realidade. Assim sendo, formou-se uma imagem do autismo problemática, pois essa associação contraditória entre “extrema inteligência” e “relevantes dificuldades sociais” pode ter justificado e perpetuado as práticas segregacionistas observadas no conhecimento inicial e na vivência atual do transtorno.

A matéria principal é, no entanto, complementada por um texto secundário, de cunho mais informativo e contextual, intitulado “O drama na vida real” (Ansen, 1989, p. 109). O título, por si só, é revelador, pois, ao usar a palavra “drama”, reforça o viés sensacionalista e trágico que frequentemente acompanha a cobertura de condições de saúde e deficiência na mídia, contrastando com o fascínio gerado pelo “[...] dom [...]” (Ansen, 1989, p. 108) do Savant na história principal. Este adendo busca estabelecer uma ponte entre a representação fictícia do personagem autista e a realidade do transtorno no país. O texto detalha o processo de preparação de Dustin Hoffman para o papel e, simultaneamente, oferece ao leitor um contexto sobre o autismo, suas características e possíveis causas. O texto secundário é relevante por incluir uma menção à AMA de São Paulo. A escrita traz uma breve entrevista com a presidente da associação, Marisa Furia Silva, e a vice-presidente, Ana Maria Ross de Melo.

A menção à AMA de São Paulo, a primeira instituição dedicada ao atendimento de autistas no Brasil, atesta sua importância e relevância no cenário da época, ainda que de forma breve. A inclusão da AMA, embora em um texto secundário, sinaliza o início do reconhecimento dos ativistas e o esforço dos pais na luta contra o estigma e a confusão diagnóstica da década de 1980. Marisa Furia Silva é identificada como presidente da instituição e mãe de um autista de 11 anos. A vice-presidenta, Ana Maria Ross de Melo, chega a elogiar a caracterização de Dustin Hoffman. O depoimento de Marisa Silva, por exemplo, é breve, mas significativo ao contextualizar o esforço diário das famílias, que buscavam desesperadamente um diagnóstico e suporte.

No que diz respeito à importância histórica para o entendimento do autismo no Brasil, o texto de apoio de 1989 (Ansen, 1989) corrobora as ponderações de Castanha (2016) e Lopes (2024), que reconhecem-na como a instituição pioneira no atendimento especializado ao autismo em 1984. Essa menção ocorreu em um momento em que, paralelamente à divulgação midiática focada em Rain Man, diversas famílias já travavam uma intensa batalha por direitos.

A visibilidade da AMA no principal periódico do país na época marca um ponto de inflexão na mobilização social brasileira. Isso demonstra a transição do autismo de uma questão puramente clínica ou familiar isolada para um incipiente tema de interesse público, que a sociedade civil organizada - as associações de pais - estava começando a pautar, aproveitando o momento de visibilidade midiática gerado pelo filme. A inclusão da AMA representa uma pequena vitória de contra-hegemonia discursiva, garantindo que, apesar do foco em Hollywood, a realidade brasileira e a luta dos pais encontrassem um espaço, ainda que marginal, na primeira grande reportagem sobre o tema.

A análise da matéria de 1989 permite uma reflexão aprofundada sobre a evolução do paradigma do autismo. A representação veiculada pela Veja, sob forte influência do modelo médico da época, contrastava drasticamente com o que viria a ser o paradigma da neurodiversidade nas décadas seguintes.

O conceito de neurodiversidade, popularizado no final dos anos 1990, propõe que as variações neurológicas - incluindo o autismo - não devem ser vistas como déficits ou doenças a serem curadas, mas sim como parte da diversidade da espécie humana (Silberman, 2017). A matéria de 1989 está totalmente alinhada ao modelo de déficit: Raymond é descrito pelo que ele não faz - contato emocional, interação social - e pelo que precisa ser contido “[...] passou a maior parte de sua vida numa clínica [...]” (Ansen, 1989, p. 108). A única característica valorizada - habilidades de Savant - serve para justificar a atenção do público, mas não para reconhecer a validade de sua existência ou a necessidade de acomodações sociais, foco central do movimento da neurodiversidade.

A crítica de Chartier (1990; 1991) sobre as apropriações é fundamental aqui. A apropriação do tema pelo público, mediada pela Veja, não ocorreu através de um texto científico ou social, mas por um produto cultural massivo. Isso forçou o leitor brasileiro a construir sua primeira imagem do autismo com base em um estereótipo de alto suporte - Raymond é institucionalizado e tem dificuldades de comunicação severas - que é simultaneamente de alta habilidade - cálculo. Essa contradição inerente pode ter moldado a percepção social e

impôs uma dificuldade duradoura para que as pessoas com autismo, que não são Savant, fossem reconhecidas e tivessem suas necessidades atendidas. A representação inicial do autismo se tornou, ironicamente, o maior obstáculo para a representação da diversidade do espectro.

A reportagem de 1989, portanto, é um documento de fundação da representação midiática do autismo no Brasil. Ela não apenas registra um momento histórico, mas lança as sementes de um estereótipo que só seria contestado vigorosamente com o advento da internet e a emergência de vozes autistas na mídia e nas redes sociais, décadas depois. A matéria de Veja atesta a forma como a mídia de massa, pôde, através da seleção de quadros, consolidar representações limitadas e enviesadas da deficiência, reforçando o atraso de 30 anos do debate brasileiro da agenda pública do TEA em relação ao Ocidente, conforme apontado por Feinstein (2010).

Considerações

O presente estudo, ao analisar a matéria “Olhares Perdidos” da revista Veja de 1989 sob o prisma teórico de Roger Chartier, confirma que a primeira grande representação midiática do autismo no Brasil foi profundamente moldada pelas lógicas do mercado de entretenimento e pelos discursos médico-patológicos da época. A reportagem, embora possa ser considerada uma pioneira na introdução do tema ao grande público brasileiro, cumpriu mais a função de um veículo de promoção cultural - a cobertura do sucesso de Hollywood e da corrida pelo Oscar - do que de um agente de conscientização social ou de saúde pública.

A análise demonstrou que a Veja inseriu o autismo em sua pauta não por uma mobilização interna de saúde ou social, mas por meio da transferência de proeminência do filme Rain Man. Este fato resultou em um enquadramento narrativo enviesado, onde o personagem autista Raymond foi relegado a um papel “estático”, servindo principalmente como catalisador para o desenvolvimento emocional e a jornada de seu irmão Charlie, o protagonista neurotípico. A subjetividade e a vivência da pessoa autista foram sacrificadas em prol da estrutura dramática, reforçando a visão do autismo como uma condição que afeta primariamente a vida dos outros.

O aspecto mais saliente da representação analisada é a fixação do estereótipo do sujeito autista savant ou do genial o “Efeito Rain Man”. Ao destacar a rara habilidade de Raymond para o cálculo, a matéria da Veja representa uma imagem de autismo que, embora comercialmente atrativa, é profundamente irrealista e desvia o objetivo das necessidades de suporte e inclusão da vasta maioria das pessoas no espectro. Essa representação inicial, ao associar o autismo a uma forma de genialidade exótica e espetacularizada, criou uma barreira de expectativas que perdurou por décadas na cultura popular, dificultando o reconhecimento das formas de autismo que requerem maior apoio e/ou que não manifestam talentos espetaculares.

A escolha da linguagem, utilizando termos como “doença mental” e no caráter “enigmático” do transtorno, representa a forte influência do modelo médico-patológico de 1989. Essa terminologia contribuiu para a estigmatização, em contraste com o paradigma atual da neurodiversidade, que busca a despatologização e a aceitação das variações neurológicas como parte da diversidade humana.

Apesar de todas as limitações e vieses encontrados, a publicação de 1989 detém um inegável valor histórico. A inclusão do texto complementar “O drama na vida real” e a menção à AMA de São Paulo representam o primeiro grande reconhecimento da sociedade civil organizada brasileira na luta pelo autismo por um importante veículo de massa. A Veja, inadvertidamente, ofereceu uma plataforma para que a militância incipiente pudesse ser “dada a ler” ao público, possibilitando o início da pauta do autismo como tema macro social. Este momento marca a transição da pauta do autismo de um problema privado para uma questão pública.

Em retrospectiva, a análise desta primeira representação reforça a importância de uma abordagem mais ampla, precisa e humana do autismo nos meios de comunicação atuais. É fundamental que a mídia contemporânea se esforce para superar os estereótipos iniciais, nomeadamente o “Efeito Rain Man”. O jornalismo atual deve ser guiado pelo princípio da neurodiversidade, buscandoativamente vozes e fontes primárias – as próprias pessoas autistas – para que a narrativa do TEA não seja mais contada apenas através do drama dos coadjuvantes - familiares, professores e médicos -, mas sim pela complexa subjetividade e diversas vivências das pessoas no espectro. A evolução da pauta exige a substituição da curiosidade pelo compromisso ético com a inclusão e a representação fiel da heterogeneidade do autismo, garantindo que o objetivo passe da

“doença enigmática” para as políticas de suporte e cidadania. Sugere-se que futuras pesquisas comparem esta representação inicial com a cobertura do autismo em grandes veículos de comunicação brasileiros nas décadas subsequentes, investigando a gradual incorporação do discurso da neurodiversidade e o impacto das mídias sociais na desconstrução das representações iniciais.

Créditos

João Paulo dos Passos Santos: Conceituação, Metodologia, Análise formal, Investigação, Redação - rascunho original, Redação - revisão e edição

Gabrielle Camargo da Cruz: Investigação, Recursos, Redação - rascunho original, Redação - revisão e edição

Referências

- American Psychiatric Association. (1980). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (3rd ed.). Washington, D.C.
- American Psychiatric Association. (2023). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR (5. ed., texto revisado). Artmed.
- Ansen, D. (1989, 22 de março). Olhares perdidos: Em Rain Man, Dustin Hoffman retrata o autismo sem o sentimentalismo dos dramalhões sobre doentes. Veja, (1072), 108–109.
- Canguilhem, G. (2009). O normal e o patológico (6. ed.). Forense Universitária.
- Castanha, J. G. Z. (2016). A trajetória do autismo na educação: da criação das associações à regulamentação da Política de Proteção (1983-2014) [Dissertação de Mestrado em Educação]. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/3388>
- Chartier, R. (1990). A história cultural: Entre práticas e representações. Bertrand Brasil.
- Chartier, R. (1991). O mundo como representação. Estudos Avançados, 5, 173–191.
- Chartier, R. (2002). Os desafios da escrita. Editora UNESP.
- Chartier, R. (2011). Defesa e ilustração da noção de representação. Fronteiras: Revista de História, 13(24), 15–29. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/1598>
- Cohen, I. S. (2008). Diversificação e segmentação dos impressos. In A. L. Martins & T. R. Luca (Orgs.), História da imprensa no Brasil (pp. 103–130). Contexto.
- Corrêa, T. S. (2008). A era das revistas de consumo. In A. L. Martins & T. R. Luca (Orgs.), História da imprensa no Brasil (pp. 207–232). Contexto.
- Donvan, J., & Zucker, C. (2017). Outra sintonia: A história do autismo. Companhia das Letras.
- Feinstein, A. (2010). A history of autism: Conversations with the pioneers. Wiley-Blackwell.
- Filgueira, L. M. D. A., Brilhante, A. V. M., Sá, A. R. D., & Colares, M. S. F. (2023). Desenvolvimento de estratégia de pesquisa participativa envolvendo pessoas autistas com diferentes níveis de suporte. Ciência & Saúde Coletiva, 28(5), 1501–1512. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023285.15282022>
- Freire, J. M. S., & Nogueira, G. S. (2023). Considerações sobre a prevalência do autismo no Brasil: uma reflexão sobre inclusão e políticas públicas. Revista Foco, 16(3), e1225–e1225. Disponível em: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n3-009>
- Kanner, L. (1943). Autistic disturbances of affective contact. Nervous Child, 2(3), 217–250. Disponível em: <https://autismtruths.org/pdf/Autistic%20Disturbances%20of%20Affective%20Contact%20-%20Leo%20Kanner.pdf>

Leandro, J. A., & Lopes, B. A. (2018). Cartas de mães e pais de autistas ao Jornal do Brasil na década de 1980. *Interface*, 22(64), 153–163. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0140>

Lopes, B. A. (2024). Não existe mãe-geladeira: Uma análise feminista da construção do ativismo de mães de autistas no Brasil (1940-2019). *Texto e Contexto*. Disponível em: <https://www.textoecontextoeditora.com.br/produto/detalhe/nao-existe--mae-geladeira-uma--analise--feminista--da-construcao-do--ativismo-de-maes-de-autistas-no-brasil-1940-2019--1%C2%AA-edicao/123>

Maluf, A. C. M. (2023). Autista... e agora?: Teorias e práticas vivenciais. Editora Vozes.

Marco, V. D. (2020). Capacitismo: O mito da capacidade. Letramento.

Passos-Santos, J. P., & Amaral, J. A. O. C. (2025). Gênero, ativismo, deficiência e saúde: A história do autismo no Brasil. *Boletim Do Tempo Presente*, 14(3), 304–312. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/24055>

Posar, Â., & Visconti, P. (2022). Atualização sobre crianças “minimamente verbais” com transtorno da espectro do autismo. *Revista Paulista de Pediatria*, 40, e2020158. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2022/40/2020158>

Silberman, S. (2017). NeuroTribos: Os legados de autismo e como pensar mais sobre a neurodiversidade. Companhia das Letras.

Soares, C. N. (1997). Perfil ou caricatura? Como o cinema e a literatura vêem o autista. *Infanto Rev. Neuropsiquiatr. Infanc. Adolesc.*, 52–56. Disponível em: http://www.psiquiatriainfantil.com.br/revista/edicoes/Ed_05_1/in_12_08.pdf